

Freixo de Espada à Cinta e a Globalização

- Senhor Professor Doutor Adriano Moreira, digníssimo Presidente da Comissão de Honra das Comemorações em evocação;
- Ex.mos Senhores membros da Comissão de Honra e Comissão Executiva das Comemorações em evocação, que cumprimento, em particular, nas pessoas dos estimados – Senhores Almirantes Cavaleiro de Ferreira e Artur Sarmento Junqueiro;
- Senhor Eng. Carlos Melancia, Presidente da Fundação Jorge Álvares, instituição colaborante destas cerimónias;
- Senhor Dr. Almeida Santos;
- Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Freixo de Espada à Cinta;
- Senhor V/Almirante Carvalho de Abreu-Vice-Chefe do Estado Maior da Armada, em representação do Senhor Almirante Saldanha Lopes-Chefe do Estado-Maior da Armada;
- Senhora Professora Doutora Manuela Mendonça-Presidente da Academia Portuguesa da História;
- Senhores Presidentes de Câmara;
- Senhores Vereadores em representação de Senhores Presidentes de Câmara;
- Senhor C/Almirante Bastos Ribeiro, Comandante da Escola Naval;
- Senhor Capitão Romualdo, Comandante do Destacamento Territorial de Torre de Moncorvo da GNR;
- Senhores Oficiais dos diversos ramos das Forças Armadas;
- Senhor Professor Doutor Abel da Fonseca-Membro da Academia da Marinha;
- Senhores Alcaldes da Província de Salamanca;
- Senhores Vereadores;
- Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia;
- Senhores Deputados Municipais;

- Senhores membros das Juntas e Assembleias de Freguesia;
- Autoridades civis e religiosas;
- Senhoras e Senhores Jornalistas;
- Conterrâneos Freixenistas;
- Caras amigas e caros amigos:

Permitam-me que antes do mais faça uma referência ao Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Sei que são motivos de saúde que motivam a sua ausência. Está connosco em espírito e nós estamos com ele nesta hora difícil que atravessa. Para ele peço uma salva de palmas.

É Jorge Álvares que nos traz aqui.

Daqui saiu e aqui estamos para o celebrar.

Na sua nau transportou o espírito e a mística que fez do Freixenista um cidadão do mundo.

Que impulso levou um transmontano que aqui viveu cercado de montes e que possivelmente aprendeu a nadar num rio Douro correio que tinha pressa em chegar ao mar a fazer-se marinheiro?

E que legado deixou para fazer com que tantos outros, em gerações vindouras lhe seguissem os passos?

Seria Jorge Álvares o inspirador de tantos marinheiros que daqui saíram?

Que diriam os marinheiros de outrora aos almirantes Quintão Meireles e Sarmiento Rodrigues?

Que diriam as dezenas de missionários freixenistas que partiram para os lados do Oriente desde tempos imemoriais ao Monsenhor Manuel Teixeira ou ao cônego Juvenal Garcia, o último deles?

O espírito de Jorge Álvares é o espírito freixenista, é o seu carácter e a sua ambição, é a sua fé e a sua determinação neste mundo global.

Tendo como pano de fundo as conhecidas dificuldades que hoje, mais que nunca, se abatem sobre as áreas interiores e rurais;

o despovoamento como consequência natural da perda de densidade demográfica;

a crise económica e social;

a baixa expectativa e a débil autoestima reinantes, associadas à discriminação e conotações negativas que normalmente definem os espaços rurais, conferem um significado ainda mais forte e fraterno à celebração dos 500 anos da chegada de Jorge Álvares ao sul da China.

Porque, segundo vários testemunhos, este personagem seria oriundo desta região interior de montes agrestes cortados por vales férteis e pelo serpentear do rio Douro, e porque chegou ao outro lado do mundo e aí deixou a sua marca.

Macau será sem dúvida a mais perfeita integração entre a cultura europeia e oriental, entre a identidade portuguesa e a chinesa.

Um traço peculiar deste “*casamento*” universal pode ser sentido e saboreado de uma forma muito especial com a fusão de um dos ícones da gastronomia lusitana, o bacalhau, pescado no mar do Norte quando acompanhado por um elemento tão oriental como é o arroz.

Foi durante o período das navegações ultramarinas dos séculos XV e XVI que os europeus entraram em contato com civilizações até então desconhecidas, caso do Japão e das Américas.

Realmente os portugueses desta época viveram o primeiro momento do mundo das relações internacionais, ligando por aqueles mares “*nunca dantes navegados*” os hemisférios e todos os meridianos, ajudando à transformação do imenso globo terrestre, numa pequena aldeia global.

À medida que os comerciantes portugueses avançavam sobre os territórios do extremo oriente e entravam em contacto com essas civilizações, eram levados a interpretar os novos sistemas culturais, símbolos religiosos e a construção alfabética.

Por mais que possamos comparar o trabalho dos missionários e dos comerciantes portugueses ao trabalho do antropólogo moderno, devemos levar em consideração que para aquela época, este exercício estava ligado ao fim do que ambos se propunham buscar no mundo colonial, ou seja, almas e especiarias.

Avançando mais uns séculos, verificamos que a atual visão política nos é mostrada como a expressão ideológica da globalização.

São evidenciados, publicitados e amplamente expostos pela comunicação social como exemplares modelos de desenvolvimento os efeitos políticos que esta doutrina provoca nos indivíduos, quando imposta no contexto da globalização: - uma evolução natural da sociedade; - um aperfeiçoamento cultural do próprio homem e que se fizer parte dos regimes de poder económico e financeiro reinante, o individuo vive livre e com autonomias.

NADA MAIS FALSO!

Visto daqui, este fenómeno revela-se ao contrário do que apregoam os princípios políticos atuais, ou seja, as diferenças sociais na globalização acentuam-se quanto maior for o nível de exclusão social no qual esteja incluído o indivíduo. **FACTO QUE LAMENTAVELMENTE ACONTECE COM MUITA FREQUÊNCIA.**

A globalização fez surgir uma sociedade desregrada, com ilimitadas possibilidades de comunicação, de intercâmbio económico e conquistas tecnológicas. Mas ao mesmo tempo financeiramente esbanjadora, sem preocupações sociais e afastada de todos os sentimentos de humanidade ou liberdade.

Em suma, a globalização não passa de uma construção ideológica destinada a legitimar, dissimular e unificar um mundo que, justamente por estar uniformizado só pelo capital, é profundamente desigual e contraditório.

Poderemos hoje encetar novamente uma epopeia pelo Oriente?

Podemos dar outra vez as mãos para um futuro diferente?

Para isso teremos de fomentar e melhorar algo pelo qual muitos nutrem um profundo desdém e desconhecimento. Refiro-me à nossa CULTURA!

A promoção internacional da nossa cultura, dos nossos costumes, da nossa língua, baseada num conceito fortalecido, competente e criativo com o fim de alcançar outras áreas de interesse como a económica ou financeira, deverá ser o principal instrumento para dinamizar os negócios.

Contudo nada isso resultará se continuarmos a ter organismos públicos ineficientes, acomodados e aburguesados que nunca deveriam abandonar a sua herança histórica, porque o alcance da lusofonia não se pode confinar a oito países, designados por PALOPS, mas sim abranger todo o UNIVERSO português.

Será que não podemos afirmar com toda a convicção que o verdadeiro sentido de patriotismo também está localizado nas comunidades de luso-descendentes espalhadas pelo mundo?

Por exemplo, todos aqueles que vivem em Macau, Goa, Damão, Diu, Malaca, Timor, S. Jorge da Mina, entre tantas outras terras?

Não será esta a fórmula a que Fernando Pessoa se refere quando afirma no seu poema que “FALTA CUMPRIR PORTUGAL”?

Se há 500 anos os navegadores que partiram de Lisboa foram os pioneiros, onde a ambição e a coragem eram as virtudes desse tempo, atualmente a forma de reaproximação terá que ser feita de moldes bem diferentes.

Talvez a vantagem que nos resta esteja condensada no respeito com que alguns desses povos ainda olham para os portugueses em virtude de um passado auspicioso e tocante.

Também é digno de realce a quantidade de palavras de origem portuguesa presente em algumas línguas orientais como o japonês, o *bahasa* malaio e indonésio, o que vem confirmar a importância e força da nossa cultura.

O processo de globalização em marcha acabou com os limites geográficos, mas não eliminou a fome, a miséria e os problemas políticos dos milhões de globalizados que vivem, ou sobrevivem, abaixo da linha de pobreza.

É ISTO QUE TODOS NÓS TEMOS DE MODIFICAR, DANDO O NOSSO REAL CONTRIBUTO.

PODEMOS COMEÇAR AQUI, TERRA ONDE NASCEU JORGE ÁLVARES, A LIGAR COM NÓS E LAÇOS DE MARINHEIRO ESTES 500 ANOS QUE HOJE SE COMPLETAM.

OBRIGADA